

Ano 9, n. 4

15 Mai 2017

ISSN: 1647-1261

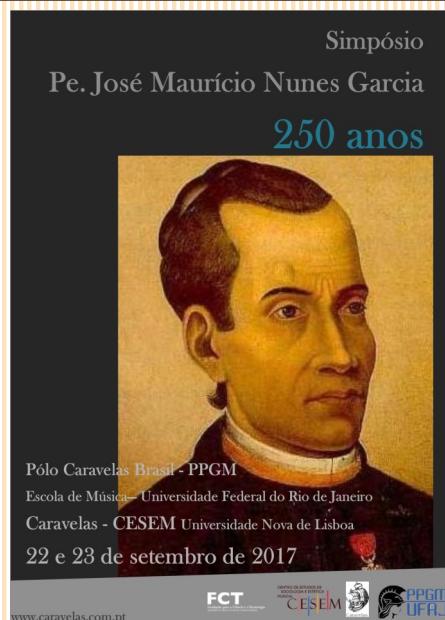


Newsletter Caravelas

Núcleo de Estudos da História da Música Luso-brasileira

SIMPOSIO Pe. JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA : 250 ANOS

A 22 de Setembro de 1767, nascia o Pe. José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), aquele que se tornaria o mais importante compositor brasileiro em atividade no início do oitocentos. Tendo isso em conta, o Caravelas, através do Polo Caravelas Brasil (Grupo de Pesquisa da PPGM-UFRJ), realizará um Simpósio em celebração dos 250 anos de nascimento do Padre Mestre. O evento conta com a colaboração da Academia Brasileira de Música e do Real Gabinete Português de Leitura. O simpósio terá duração de dois dias, 22 e 23 de setembro de 2017, tendo lugar na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro e também no Real Gabinete Português de Leitura. Em sua organização



www.caravelas.com.pt

estão previstos conferências, mesas redondas, comunicação e um concerto comemorativo. Propostas de comunicação serão recebidas até o dia 28 de maio de 2017. Informações completas em: http://caravelas.com.pt/Simpósio_Pe_Jose_Mauricio_Nunes_Garcia_250_anos.html

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE MUSICOLOGIA

O VII Simpósio Internacional de Musicologia da Escola de Música da Universidade Federal de Goiânia será realizado entre os dias 19 e 23 de junho próximo, na cidade de Goiânia, Goiás. O Caravelas tem a alegria de colaborar

com a realização desse importante evento, que conta sempre com a direção de nossa colega Ana Guiomar Rêgo Souza.

Informações completas em:

<https://www.musicologiaema.c.org/>

Informativo Trimestral

Caravelas – Núcleo de Estudos da História da Música Luso-Brasileira

CESEM-FCSH-UNL

Lisboa-Portugal

Editor: Alberto Pacheco

CHAMADA DE TRABALHOS

Está aberta a chamada de trabalhos para o *I Simpósio Internacional Música e Crítica* realizado pelo Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares em Ciências Musicais do Centro de Artes da UFPel. O evento, que tem coordenação geral de nosso colega Guilherme Goldberg, terá lugar em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, entre os dias 23 e 25 de outubro próximo.

Propostas de comunicação serão recebidas até 11 de julho. Informações completas em:

<https://simposiomusicaecritica.wordpress.com/>

O ENIM 2017, *VII Encontro de Investigação em Música*, organizado pela Sociedade Portuguesa de Investigação em Música, será realizado na

Universidade do Minho, Braga, Portugal, entre os dias 9 e 11 de novembro deste ano. Propostas de comunicação serão recebidas até dia 30 de maio. Informações completas em: <http://www.spimusica.pt/>

O *Colóquio internacional "Variações sobre Antônio"* terá lugar em Coimbra nos dias 7 e 8 de dezembro, promovido pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Nossa colega Soraia Simões faz parte da Comissão Científica do evento. Propostas de comunicação serão recebidas até o dia 16 de junho. Informações completas em: <https://antoniovariacoes.wordpress.com/>



SITE

Foi recém-criado um novo espaço virtual para a reflexão sobre música:

www.sabermusical.com.br.

“O saber musical tem a proposta de trabalhar os contextos musicais como uma das possibilidades de compreensão, reprodução, representação e

transformação do mundo. Nesse sentido interliga a música e o ensino musical aos contextos culturais, a educação e as demais linguagens artísticas e movimentos estéticos”.

CONGRESSOS

O Encontro Paisagem Sonora Histórica terá lugar na Universidade de Évora, Portugal, entre 26 e 28 de outubro de 2017. Informações completas em:

<https://evorasoundscapes.wordpress.com/evento-2017/>

O próximo Encontro Sudeste do Fladem Brasil será realizado nos dias 29 e 30 de junho próximo, no Conservatório de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. Informações completas em:

<https://fladembrasilsudeste2017.vpeventos.com/>

O Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade organiza o *III Congresso sobre Culturas - Interfaces da Lusofonia*, que terá lugar na Universidade do Minho, Braga, de 23 a 25 de novembro de 2017. Mais informações em:

<http://www.3congressoculturas.pt/index.php/comunicacoes/chamada-de-trabalhos/>

O *PERFORMA'17* e *5º Congresso da ABRAPEM*, que resulta da parceria entre a ABRAPEM e o Pólo

de Aveiro do INET-md, será realizado de 5 a 8 de junho deste ano, na Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais. Informações completas em:

<http://artisticresearch.web.ua.pt/index.php/pt/performa17/>

O *III Congresso da Associação Regional para América Latina e Caribe (ARLAC-IMS)* será realizado em Santos, Brasil, de 1 a 5 de agosto de 2017. O evento conta com a direção de nosso colega Diósnio Machado Neto. Mais informações em:

http://www.arlac-ims.com/?page_id=1307

O *4º Congresso Brasileiro de Iconografia Musical (RIdIM-Brasil 2017)* e o *2º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Sistemas de Informação em Música (AIBM/IAML-Brasil 2017)* terão lugar em Salvador, Bahia, entre os dias 17 e 21 de Julho de 2017. Ver:

http://www.portaleventos.mus.ufba.br/index.php/CBIM_RIdIM-BR/4CBIM_2IAMLBR/

ESTREIA

O *Quarteto de Cordas nº 5 "Afrescos"*, composto por nosso colega Ricardo Tacuchian, teve sua estreia mundial nas mãos do Quarteto Radamés Gnattali, durante o Festival de Música Nova de Campinas, no 13 de maio de 2017.

(Foto: Cícero Rodrigues in:
<http://www.quartetoradames.com.br>)



Manuel Pedro Ferreira doutorou-se em Musicologia na Universidade de Princeton (1997), sendo desde 2001 Professor Associado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde coordena, desde 2005, o Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM). Tem-se dedicado sobretudo ao ensino e à investigação da música da Idade Média e do Renascimento, sem descurar a interpretação musical: dirige desde 1995 o grupo Vozes Alfonsinas, com o qual gravou cinco discos. Como musicólogo, publicou mais de cem artigos científicos e dirigiu vários projectos de investigação. Foi responsável pela publicação facsimilada do Cancioneiro de Elvas (Lisboa, 1989) e do manuscrito 714 da Biblioteca Pública Municipal do Porto (Porto, 2001); o seu livro *O Som de Martin Codax* (Lisboa, 1986) foi premiado pelo Conselho Português da Música. Entretanto escreveu ou coordenou quinze outros títulos, entre os quais: *Cantus coronatus – Sete cantigas d'amor d'El-Rei Dom Dinis* (Kassel, 2005); *Dez compositores portugueses. Percursos da escrita musical no século XX* (Lisboa, 2007); *Antologia de Música em Portugal na Idade Média e no Renascimento, 2 vols.* (Lisboa, 2008); *Medieval Sacred Chant: from Japan to Portugal* (Lisboa, 2008); *A Sé de Braga. Arte, Liturgia e Música, do final do século XI à época tridentina* (Lisboa, 2009); *Aspectos da Música Medieval no Ocidente Peninsular, 2 vols.* (Lisboa, 2009-2010); *Revisiting the Music of Medieval France: from Gallican chant to Dufay* (Farnham-Burlington, 2012); *Harmonias do Céu e da Terra: A música nos manuscritos de Guimarães*

(séculos XII-XVII) (Lisboa-Guimarães, 2012); e *Musical exchanges, 1100-1650: Iberian con-*



Manuel Pedro Ferreira

nections (Kassel, 2016). Tem também exercido com regularidade o ofício de crítico musical e feito incursões pela composição musical e pela poesia. É membro da Academia Europeia (desde 2010) e da direcção da Sociedade Internacional de Musicologia (desde 2012).

<http://cesem.fcsh.unl.pt/pessoa/manuel-pedro-ferreira/>

<http://fcsh-unl.academia.edu/ManuelPedroFerreira>
<http://vozesalfonsinas.wixsite.com/valf/que-m-somos>

<http://composers21.com/compdocs/ferreirm.htm>

Newsletter Caravelas: Como deu-se seu interesse pela musicologia?

Manuel Pedro Ferreira: Primeiro interessei-me por música. Depois fiquei curioso sobre a sua história, já que como intérprete e ouvinte era diariamente confrontado com música vinda de um passado mais ou menos longínquo. Seguidamente comecei a indagar sobre a sua relação com a história em Portugal, que estava então (inícios da década de 1980) em plena reformulação conceptual. Foi por esta via que, começando pela época mais recuada, encontrei nas cantigas d'amigo de Martin Codax (conservadas numa fonte que acabava de ser redescoberta em Nova Iorque) um desafio interpretativo, pois colocavam um problema simultaneamente paleográfico, histórico e estético. Fiz um trabalho sobre o assunto, com proposta de transcrição, que mostrei ao meu professor de História da Música no Conservatório (Manuel Carlos de Brito). Ele honestamente declarou a sua limitada competência na área e aconselhou-me a mostrar o trabalho a especialistas estrangeiros, indicando um nome (Ismael Fernández de la Cuesta). O professor Santiago Kastner, cuja biblioteca privada eu freqüentava, indicou-me outro (Isabel Pope). As reações foram muito encorajadoras, e fui convidado a ir a um colóquio em Madrid, onde ouvi, entre outros, Don Randel (então na Universidade de Cornell) e Max Lütolf (Universidade de Zurique). Foi só então que percebi o que era a musicologia, como disciplina ancorada num método racional e crítico de questionamento, que podia fazer a ponte entre o meu amor pela música, o meu interesse pela História e a minha formação superior em Filosofia.

N. C.: Como pesquisador da música da Idade Média e Renascimento, como vê as interpretações históricas? Afinal isso existe?

M. P. F.: Existem interpretações historicamente informadas, mas mesmo essa categoria é compatível com variadíssimas opções e diversos graus de compromisso com a realidade envolvente. Em primeiro lugar, sabemos pouco sobre as condições de execução musical de épocas tão recuadas; em segundo lugar, muitas dessas condições não são hoje replicáveis; em terceiro lugar, para continuar a fazer sentido para o presente, a música histórica tem que responder a anseios do presente, por exemplo, constituir o programa de um concerto, o que é algo de anacrônico em si mesmo. Logo, a interpretação historicamente informada está condenada à contaminação pela atualidade, sem que isso signifique que devemos deixar de querer captar o primitivo sentido dessa música, porque isso é o motor da imaginação estética e da sua novidade face às práticas instituídas, permitindo-nos recuperar a música de antes de 1600 como possibilidade de abertura ao mundo.

N. C.: Em 2014 circulou pela internet uma notícia na qual uma estudante universitária teria sido a primeira pessoa a “tentar tocar a canção” escrita nas nádegas de uma imagem do painel direito do *Garden of Earthly Delights*, de Bosch. Segundo ela, tal novidade fora possível pois decidiu “transcrevê-la em notação moderna”. Embora o resultado tenha recebido algum aplauso, pareceu-me mais uma brincadeira que algo sério.

rio. Que conselho você daria algum aluno que pretendesse aventurar-se nessa área da música antiga?

M. P. F.: Nem toda a tatuagem no traseiro deve ser revelada ao mundo. Há que escolher bem a a música, ou o problema musical, que mereça a nossa lupa.

N. C.: No momento você está a coordenar o projeto História Temática da Música em Portugal e no Brasil. Ao que me consta, trata-se da primeira tentativa de elaborar-se uma história da música luso-brasileira, não? Em que consiste?

M. P. F.: Na verdade, no início do século XX, a primeira *História da Música no Brasil* começava por discutir a herança portuguesa, na sua vertente popular. De fato as duas histórias, portuguesa e brasileira, não podem separar-se, entre 1500 e finais do século XIX, senão de maneira artificial. Os nacionalismos em ambos os lados do Atlântico obscureceram este fato e impuseram narrativas que, ao longo do século XX, tornaram difícil o reconhecimento e a reconstituição dos elos passados. Por outro lado, a comunidade linguística, a proximidade cultural e a crescente inter-relação acadêmica entre Portugal e Brasil tornam desejável que esse passo, a reescrita contemporânea da nossa história da música, seja dado em conjunto, e o projeto englobe também a música do século XX, com as suas particularidades nacionais. Ambos os países, hoje com um meio musicológico renovado e com enorme potencial, têm necessidade de novas narrativas, críticas e atualizadas, realizadas com rigor profissional. Juntos, somos mais fortes e esta colaboração pode ser exemplar a nível internacional. A História Temática da

Música em Portugal e no Brasil, ainda na fase de projeto, contará com uma equipe luso-brasileira (paritária) que abordará a música através de seis áreas temáticas, cronológica e geograficamente transversais, pretendendo-se que cada um dos seis volumes temáticos previstos se apoie num rol de colaboradores representativos, oriundos de ambos os países. O projeto, que terá uma versão impressa e outra em linha, de acesso livre com uso de hiperligações e materiais visuais e sonoros, terá a sua base no CESEM, que o inscreveu na estratégia aprovada para financiamento em 2014, e deverá ser finalizado num horizonte de cinco anos.

N. C.: Em sua atividade como crítico musical, como vê o atual estado da música em Portugal?

M. P. F.: Artisticamente florescente, rico, variado, com grande qualidade interpretativa e composicional, mas com grandes lacunas formativas (que os jovens acabam por suprir no estrangeiro) e alicerces sociais, financeiros e institucionais, ainda muito fracos (e alguns sectores, como o da música mais antiga, praticamente inexistentes).

N. C.: Quais são seus projetos futuros em musicologia?

M. P. F.: Para ser franco, gostaria de conseguir conciliar a coordenação da História Temática com a edição crítica das *Cantigas de Santa Maria*, planeada há anos, com a continuação de algum ritmo de investigação de fontes e publicação científica e com alguma atividade concertís-

tica. Mas tendo tempo letivo praticamente completo, mais a Presidência do CESEM, responsabilidades administrativas diversas na Universidade Nova de Lisboa, mais consultoria internacional e presença na direção da *Revista Portuguesa de Musicologia* e da So-

ciedade Internacional de Musicologia, já sem falar das exigências da vida familiar, é difícil que alguma coisa não venha a ser sacrificada.

SANFONA – PROJETO DE TERMINOLOGIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS

David Cranmer



Sanfona: um termo – dois instrumentos, conforme o lado do Atlântico onde se encontra

O projeto “Sanfona” – um projeto do Núcleo Caravelas – tem a sua origem numa necessidade, sentida há muito por mim, como estrangeiro, mas também por vários colegas portugueses: a de esclarecer e fixar a terminologia em língua portuguesa, para efeitos científicos, em diversos campos relacionados com a música. Entre estes, tem sido sentido de forma especialmente premente a incoerência ou inexistência de designações na área da organologia – os termos usados para designar os instrumentos e

as respetivas partes (a taxonomia).

Como é evidente, os dicionários de termos musicais, glossários e catálogos de coleções e exposições, para além de livros e outras fontes sobre os instrumentos, fornecem muitos termos. Examinando-os e comparando-os de forma detalhada, porém, o que se observa é uma proporção relativamente elevada de discrepâncias ou variantes entre as designações

dos instrumentos (viola / guitarra / violão; clarineta / clarinete; etc.) e, especialmente, na taxonomia (sendo o caso talvez mais emblemático encontrado até agora: campânula / campana / pavilhão). Estas discrepâncias surgem por diversos motivos, entre os quais a localização geográfica (especialmente entre Portugal e o Brasil, mas também dentro de cada país), a variação temporal (as designações mudam às vezes com a passagem do tempo), e o desfasamento entre, por um lado, o que consta nos livros e dicionários e, por outro, o que os utentes (instrumentistas e *luthiers*) utilizam verdadeiramente. Na taxonomia a inexistência ou desconhecimento de termos, especialmente no que diz respeito ao mecanismo ou partes interiores, é frequente.

Tenho consciência de várias iniciativas para resolver esta situação, mas tipicamente as listagens ou bases de dados que daí resultam baseiam-se no conhecimento já existente e disponível. O seu objetivo é sobretudo o de estabelecer como norma qual o termo a ser usado para designar um determinado objeto, e menos o de investigar os termos em si. Não procura descrever o uso histórico de um termo, ou identificar as variantes e mapear a sua distribuição geográfica, ou sequer discutir de forma aberta e informada as problemáticas inerentes a determinadas designações ou os desencontros terminológicos - estudos que permitiriam, com base na informação assim recolhida, propor, mas não impor, um termo preferível (ou termos preferíveis, conforme o contexto). Resumindo, a abordagem típica tem sido a de tentar resolver um problema terminológico com uma solução lexicográfica.

Embora os campos da terminologia e da lexicografia pertençam ambos à área científica da Linguística,

são fundamentalmente diferentes na sua abordagem e metodologias. Enquanto a lexicografia (a área que fundamenta os dicionários) toma como ponto de partida um vocábulo, definindo-o, a terminologia faz o contrário: começa com um conceito e procura termos que veiculem esse conceito. Enquanto a lexicografia e o dicionário explicam o significado de um termo, é a terminologia que procura responder a "Como se chama o instrumento que tem as características A e B?", ou "No instrumento L, como se designa a alavanca que liga o botão X à chapa Y?" O projeto Sanfona é um projeto de terminologia: parte de conceitos para a procura dos termos correspondentes.

Na conceptualização do projeto e das suas metodologias o apoio de colegas tem sido precioso. Neste respeito, quero assinalar, por um lado, o importante trabalho desenvolvido por Adriana Ballesté e Álea Almeida no Museu Virtual de Instrumentos Musicais - um projeto conjunto do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), centrado no Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música; e, por outro, a disponibilidade de Rute Costa, docente do Departamento de Ciências da Linguagem, da FCSH-Universidade Nova de Lisboa, especialista em terminologia, cuja experiência e conselhos têm sido imprescindíveis. Apesar desta ajuda, o arranque do projeto tem sido difícil. Não conseguimos financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) - duas candidaturas foram infrutíferas: a primeira, na área da Linguística foi rejeitada por ser mais

do âmbito da música; a segunda, na área dos Estudos Artísticos (que inclui a música) foi rejeitada por ser mais do âmbito da Linguística. Sem financiamento, o projeto tem dependido do pouco tempo e disponibilidade de voluntários e estagiários.

A seleção de um número muito reduzido de conceitos/termos e a redação dos verbetes correspondentes – centrados sempre nos conceitos, para gerir múltiplos termos caso existam – resultou na criação de uma série de verbetes-modelo, mas, ao mesmo tempo, demonstrou as severas limitações de trabalhar com base em publicações já existentes, especialmente no que diz respeito à taxonomia. Para esta área a única metodologia eficaz é a consulta a “peritos” (o termo usado na terminologia) – neste caso os próprios instrumentistas e *luthiers*. Uma série de fatores, no início deste ano, permitiu um novo arranque neste sentido. Em primeiro lugar foi a decisão fundamental de limitar o estudo, numa fase inicial, aos instrumentos habitual-

mente ensinados nas instituições de instrução musical. Coincidiu com esta decisão o interesse em colaborar de duas instituições – a Escola Superior de Música de Lisboa (ESML) e a Academia de Amadores de Música (AAM), também em Lisboa. Eu gostaria de agradecer aos colegas Carlos Caires, Diretor da ESML, e Carlos Ferreiro, antigo aluno meu e atualmente docente da AAM, pelo seu apoio. Ao mesmo tempo, no início deste semestre, propuseram-se dois alunos

da Licenciatura em Ciências Musicais, da Universidade Nova de Lisboa, para estágios neste projeto: Catarina Claro e Pedro Martins.

A atividade nesta fase está centrada, portanto, na consulta aos peritos através de entrevistas. Este trabalho tem dois elementos distintos: a preparação das entrevistas e a sua realização. A preparação consiste em reuniões regulares com a equipa do projeto: os dois estagiários, Zuelma Chaves, que tem acompanhado este projeto desde o início, e eu próprio. Nelas, com base em



**A taxonomia da flauta – redigindo as descrições dos conceitos:
Pedro Martins, David Cranmer, Zuelma Chaves e Catarina Claro**

imagens dos instrumentos e números para identificar as partes, redigimos a descrição do conceito de cada parte. Depois, nas entrevistas, o entrevistador (normalmente um dos estagiários) pergunta ao perito a designação das partes, apontando sempre a sua localização na imagem e, ao mesmo tempo, lendo a descrição do conceito, de modo a esclarecer qualquer ambiguidade que possa existir na imagem. São registradas as respostas. Neste momento estão quase

concluídas as entrevistas para a família dos violinos. Está em “stand-by” a harpa de ação dupla, enquanto organizamos uma entrevista preliminar para esclarecer o funcionamento de certas partes do mecanismo interior – essencial para a redação da descrição dos seus conceitos. Vamos iniciar as entrevistas com os professores das madeiras ainda este mês. Tencionamos publicar os primeiros resultados deste projeto no site do Caravelas até ao final deste ano.

As entrevistas realizadas até agora têm sublinhado a importância desta metodologia. Para determinados termos já surgiram discrepâncias de preferência entre dois intérpretes do mesmo instrumento, facto explicável pelas tradições formativas de cada indivíduo – os professores passam aos alunos as suas preferências, que podem ter a ver com diferenças geográficas ou não. Torna-se, assim, evidente que o trabalho que estamos a desenvolver em Lisboa é um projeto piloto, no qual, ao mesmo tempo que registamos um conjunto de termos em uso, também corrigimos e aperfeiçoamos as descrições dos conceitos em causa. Para os resultados terem uma validade expressiva no mundo luso-brasileiro é essencial a realização de entrevistas, com as mes-

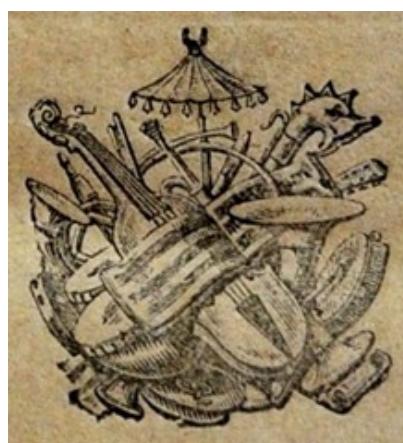
mas condições de controlo, fora de Lisboa e, em especial, em vários centros no Brasil. Qualquer colega que esteja interessado em colaborar neste projeto, por favor, entre em contacto comigo através do e-mail do Caravelas:

nucleocaravelas@gmail.com.

Uma última palavra

O vocábulo “sanfona” é uma corrupção de “sinfonia”, ou seja, conjunto de sons. Designa um instrumento num lado do Atlântico e outro no outro, simbolizando assim as discrepâncias terminológicas subjacentes a este projeto.

O emblema do projeto, um conjunto de instrumentos e uma partitura, foi encontrado na página de rosto da 2.^a edição do *Diccionario Musical*, do madeirense Raphael Coelho Machado (Rio de Janeiro, 1855), cuja 1.^a edição (Rio de Janeiro, 1842), foi o primeiro dicionário especializado de termos musicais em língua portuguesa.



LANÇAMENTOS

LIVROS:



Com Som! Sem Som... Liberdades políticas; liberdades poéticas. Heloísa de Araújo D. Valente & Simone Luci Pereira (Org.). São Paulo: Letra e Voz, FAPESP, 2017.



Musicologia[s], Edite Rocha & José Antônio Baêta Zille (Org.), Série Diálogos com o Som, vol. 3. Belo Horizonte: UFMG, 2017. Disponível em:

<http://www.esmu.uemg.br/eventos.php?id=933>



Cartas de amor: Francisco Mignone e Maria Josephina Mignone. Maria Josephina Mignone. Rio de Janeiro: Maria Josephina Magalhães Silva, 2017.



Caravelas

Organização

CARAVELAS

CESEM

Centro de Estudos de Estética e
Sociologia Musical
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Av. de Berna, 26-C
1069-061 Lisboa
Portugal

Investigador Responsável: *David Cranmer*

Site: *Alberto Pacheco*

Comissão Científica: *Alberto Pacheco*

Ana Guiomar Rêgo Souza

Cristina Fernandes

Francesco Esposito

Márcio Páscoa

Marcos Holler

Edite Rocha (suplente)

caravelas.com.pt

Aproveitamos a oportunidade para, mais uma vez, agradecer aos autores que têm contribuído para essa *Newsletter*, enviando as informações a serem divulgadas. Um agradecimento especial deve ser dado a Manuel Pedro Ferreira que nos concedeu a entrevista deste trimestre.

Convidamos toda comunidade musicológica a contribuir com este periódico através de notícias, fotos, resenhas, convites, críticas etc.

Os exemplares anteriores desta publicação podem ser consultados em:

<http://www.caravelas.com.pt/newsletter.html>

CENTRO DE ESTUDOS DE
SOCILOGIA E ESTÉTICA
MUSICAL

CESEM

FCSH

FACULDADE DE CIÉNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



FCT

Fundação para a Ciéncia e a Tecnologia